

INTUITIO

PPGFil/UFS | e-ISSN 1983-4012

DOI: <https://doi.org/10.29327/2318183.16.1-10>

SEÇÃO: RESENHA

AMO, Anton Whilhem. *Sobre a impassividade da mente humana*. Tradução de Fernando de Sá Moreira (2023).

*Flávio Miguel de Oliveira Zimmermann*¹

orcid.org/0000-0003-4557-0042

flavio.zimmermann@uffs.edu.br

1 Introdução

Não é nenhuma novidade que nos encontramos numa fase generalizada de renascimento e redescoberta das filosofias, filósofos e filósofas de origem não-europeia apagados(as) na história do pensamento ocidental. A cada dia que passa, diferentes nomes nos são apresentados. A mais recente e grata surpresa, para mim, que me relaciono com filosofia moderna, foram as grandes contribuições de um filósofo ganense, Anton Wilhelm Amo, à filosofia da mente no século XVIII. Felizmente, o texto em que ele trata do assunto, “Sobre a impassividade da mente humana”, encontra-se traduzido para o português por Fernando de Sá Moreira, professor adjunto da Universidade Federal Fluminense (UFF), e disponível para *download* no seu blog <https://amofer.wordpress.com>. A primeira tradução foi feita em 2020, mas foi revisada em 2023. Nesta resenha, farei breves comentários sobre a tradução da versão atualizada e o texto de Amo, à relação da filosofia do filósofo ganense com a de Descartes e à sua vida e história no contexto europeu do século XVIII.

2 Quem foi Anton Wilhelm Amo

Amo nasceu em Axim, Gana, no início dos anos 1700 (provavelmente em 1703). Ainda garoto, foi capturado pelos holandeses e levado a Amsterdã com propósitos missionários (a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, que trabalhava no tráfico de africanos para a América, eventualmente levava alguma criança, a pedido, para ser

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul.

evangelizada em Amsterdã). Mas, após encontrar dificuldades em assentá-lo lá, Amo foi dado de presente ao Duque Anton Ulrich de Brunsvique-Wolfenbüttel, em Wolfenbüttel (Alemanha), provavelmente para servir de “mouro da corte”, como era comum na época. De acordo com Abraham, após este episódio embaraçoso, a direção da Companhia reagiu a tais iniciativas evangelizadoras e proibiu o tráfico para fins de batismo e educação cristã, enfatizando o seu propósito exclusivo no negócio de escravos (2004, p. 191).

Em 1708, já na Alemanha, Amo foi batizado e acrescenta a seu nome os de seus benfeitores: Anton Ulrich, Augustus Wilhelm e Ludwig Rudolph, passando a se chamar Anton Wilhelm Rudolph. Mais tarde, acrescentou ao nome, a exemplo de Terêncio, “Afer”, que significa “afro”. Isso comprova o quanto o autor valorizava e se orgulhava de suas origens.

Em 1727, provavelmente devido às suas grandes aptidões intelectuais, Amo foi matriculado na faculdade de Direito da Universidade de Halle e, dois anos depois, defendeu a tese *Dissertatio Inauguralis De Jure Maurorum in Europa* (Os Direitos dos Mouros [ou negros] na Europa), que tratava dos direitos dos negros na Europa. O documento atualmente encontra-se perdido mas, segundo uma nota encontrada em um semanário de Halle, Amo defendia na tese, a partir de uma discussão da relação entre reinos africanos e o direito romano, a ilegalidade e ilegitimidade da escravidão negra (MOREIRA 2023). Ainda na faculdade, Amo estudou filosofia, fisiologia, medicina, jurisprudência, história e outras disciplinas “menos ortodoxas, em todas as quais brilhou intensamente” e dominou pelo menos seis idiomas: alemão, holandês, francês, latim, grego e hebraico (WIREDU 2004, p. 200).

Amo defendeu sua tese de doutorado em 1734 e foi professor nas universidades de Halle, Jena e Wittenberg. A sua tese, *Dissertatio inauguralis de humanae mentis απαθεια*, é a que se encontra traduzida para o português e que será apresentada aqui. Além disso, restaram o seu *Tractatus de arte sobrie et accurate philosophandi...*, de 1738, e a tese de um orientando seu, Johannes Theodosius Meiner, mas que pode ter a sua coparticipação, *Disputatio philosophica continens ideam distinctam eorum quae competunt vel menti vel corpori nostro vivo et organico quam consentiente amplissimorum philosophorum ordine*.

Possivelmente, foi devido a um certo clima de luta por tolerância em Halle que Amo pôde ter um destino diferente da maioria dos escravizados enviados a Europa. Abraham nos lembra que Halle recebeu nesta época livres-pensadores célebres como Christian Thomasius,

August Hermann Francke e Christian Wolff (2004, p. 192). O jurista Thomasius propôs um direito penal mais humanitário na Alemanha, defendendo o casamento entre pessoas de diferentes religiões, a abolição da caça às bruxas e à tortura. Francke foi um teólogo pietista que fundou orfanatos e centros educativos e religiosos para crianças na região, e Wolff, um grande filósofo e disseminador das ideias de Leibniz, que defendeu, durante toda a sua vida, a separação entre a filosofia e religião, sendo uma das principais figuras do Iluminismo Alemão.

Porém, as perseguições sempre existiram. Wolff era frequentemente acusado de determinismo, fatalismo e até de ateísmo. Ainda segundo Abraham, o teólogo e filósofo Joachim Lange convence o rei Frederic Wilhelm I a considerar Wolff inimigo do Estado, o que teria levado Wolff a ser demitido e banido do território em 1726 (2004, p. 192). Francke foi demitido no mesmo ano por controvérsias religiosas e ativismo social, e Thomasius morre em 1728.

A convivência naquele lugar teria ficado mais difícil para Amo, que não deixava de estudar filosofia de, dentre outros, Wolff e Leibniz – este último é mencionado por ele como pessoas consideradas ‘eruditas’ em seu *Tractatus...* (MEYNS 2019). Segundo Abraham, entre 1734 e 1736, ressurgiu um ativismo wolffiano, que teria provocado a ira de Lange (2004, p. 195). Graças à proteção do chanceler Johann von Ludewig, Amo permanece na Alemanha até 1743, momento da morte daquele. Não se sabe exatamente em que data, mas há registros de que, depois disso, Amo teria retornado à sua terra natal. Uma das razões para isso pode ter sido a encenação de uma peça satírica a seu respeito, como consta no levantamento de Abraham sobre sua vida (2004, p. 197).

Um relato de David Henri Gallandet, de 1753, nos diz que Amo fora encontrado em Axim como um eremita e adivinho, e que teria reencontrado seu pai e uma irmã. Também consta que seu irmão gêmeo teria sido levado para o Suriname como escravo. Presume-se que sua morte ocorreu por volta de 1759.

Conforme enfatizei acima, a filosofia de Amo ficou esquecida por muito tempo e vem sendo redescoberta hoje. Além disso, o nome de Amo aparece cada vez mais nos meios sociais e universitários. Wiredu nos mostra que em 1978 houve uma celebração a ele em Gana, patrocinada pela UNESCO, com a presença de pessoas de sua linhagem. Atualmente, no departamento de filosofia da Universidade de Gana há uma dedicatória a Amo, e na

Universidade da Nigéria, encontra-se um centro de filosofia africana, chamado “William Amo” (2004, pp. 200; 205). Outro fato notável aconteceu recentemente. Em 2020, após manifestações antirracistas devido à morte do trabalhador George Floyd em Minnesota (EUA), a cidade de Berlin renomeou a sua famosa estação de metrô, Mohrenstraße, para Anton-Wilhelm-Amo-Straße.

3 O texto e a tradução

A tese “Sobre a impassividade da mente humana” é apresentada por Moreira em edição bilíngue (latim e português), respeitando a paginação original da edição de 1734. O título completo da obra é “Sobre a ἀπαθεια da mente humana ou da ausência de sensação e faculdade sensitiva na mente humana e a presença delas em nosso corpo orgânico e vivo”. Moreira traduz ‘apátheia’ por impassividade; enquanto Amo a utiliza no grego. Meyns a traduz por *impassibility* (impassibilidade) (2019). A tradução da tese foi feita de forma cruzada, a partir das traduções inglesa, francesa e alemã, além da latina. Outra vantagem da publicação é a de trazer, não só as referências que Amo utiliza na tese, como também *links* de versões digitalizadas delas.

O texto de Amo é curto, com apenas 18 páginas de dissertação, além da carta de aprovação do reitor, do presidente, e outras informações adicionais. A tese é defendida nos moldes escolásticos, com seus capítulos, partes, parágrafos, provas, explicações etc. O seu tema, porém, é moderno e inovador: discute um grave problema da filosofia cartesiana e propõe uma solução a ele. Como já comentado acima, Amo se encontrava na vanguarda da filosofia de seu tempo na Alemanha, juntamente com outros estudiosos do pensamento iluminista.

A sua tese compreende, na primeira parte, algumas definições. A primeira e fundamental para seus propósitos, é a de ‘espírito’: “Para nós, o espírito é: qualquer substância puramente ativa e imaterial, por si mesma sempre cognoscente, e operante espontaneamente a partir de intenções, segundo um fim determinado do qual é consciente” (2023, p. 20). Essa primeira definição ecoa Descartes, especialmente nas suas “Meditações” e no “Discurso do Método” (partes V e VI). Na “Sexta Meditação”, que é intitulada “Da existência das coisas materiais e da distinção real entre a alma e o corpo do homem”, Descartes afirma, no parágrafo 17 que, embora

[...] eu tenha um corpo ao qual estou muito estreitamente conjugado, todavia, já que, de um lado, tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e inextensa, e que, de outro, tenho uma ideia distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa e que não pensa, é certo que este eu, isto é, minha alma, pela qual eu sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo e que ela pode ser ou existir sem ele (1979, p. 134).

Como podemos constatar, Amo é cartesiano no que se refere à concepção de alma ou espírito. Para Amo, os termos “alma” (*animae*), “espírito” (*spiritus*), “inteligências” (*intelligentiae*) e “mentes” (*mentes*) podem ser utilizados invariavelmente, conforme afirma, mais adiante, no parágrafo 4: “Espíritos têm várias denominações, chamando-se inteligências, mentes, almas e, em termos gerais, espíritos cognoscentes” (2023, p. 30).

Portanto, enquanto Descartes mostra que a alma é uma coisa pensante, inextensa e pode existir sem o corpo, Amo fala do espírito como uma substância ativa e imaterial, cognoscente e espontânea. Além disso, Amo também aceita a distinção entre alma e corpo. Ele lembra de Mateus 10:28, que corrobora isso: “aquilo que mata o corpo, não é capaz, contudo, de matar a alma” (2023, p. 44).

A partir disso, porém, Amo começa a divergir de Descartes no que diz respeito às explicações do filósofo francês sobre as chamadas “paixões da alma” a partir da concepção de uma alma inextensa e imaterial. Na sua Primeira Explicação da parte I, Amo afirma que “o espírito é uma substância puramente ativa; quer dizer: o espírito não admite em si paixões” (2023, p. 22). E, logo em seguida, oferece provas para essa tese, sempre de modo analítico: 1) se o espírito admitisse paixões, deveria fazê-lo: a) por comunicação (*per communicationem*); b) por penetração (*per penetrationem*); ou c) por contato (*per contactum*). Ora, por comunicação não poderia acontecer, pois comunicação depende da presença de partes, propriedades e efeitos de um ente a um outro análogo e compatível. Algo imaterial, porém, é oposto ao material e, portanto, não é compatível nem análogo ao material nem poderia realizar nenhuma ação com ele. Além disso, paixões não poderiam ser transmitidas por penetração, pois essa dependeria de um trânsito qualquer entre espíritos que possuam, do mesmo modo, partes constitutivas, coisa que o espírito não tem. E, por fim, não poderia ser tocada por contato, pois qualquer coisa que toque e seja tocada é um corpo. Conclui-se que o espírito (que é ativo) não conhece por intermédio de ideias, pois essa é

uma operação que “torna presente para si coisas percebidas previamente pelos sentidos” e, portanto, proveniente da matéria, que é passiva (2023, p. 26).

Por toda sua obra, Amo cita duas referências de Descartes: as “Paixões da Alma” e suas “Epístolas” (cartas). No início do cap. II, cita uma carta a Elisabeth em que Descartes afirma que a alma é uma coisa que pensa e que é unida ao corpo, podendo com ele agir e ser afetada. Ainda nesta parte, ele afirma explicitamente que discorda da tese de que a alma possa ser afetada (defendida não só por Descartes, mas também por Sennert, Jean Le Clerc e Georg Daniel Coschwitz), e usa outro trecho do próprio Descartes para demonstrar possível sua contradição, “onde ele atribui à natureza da alma somente a faculdade de pensar; acontece que pensar é uma ação da mente, não uma paixão” (2023, p. 38).

Sensações internas, continua Amo, são *pathemata*, ou seja, afetos, emoções, afecções, paixões e, para fundamentar sua definição, remete o leitor a Descartes em suas “Paixões da Alma” (2023, p. 34). Amo não cita nenhum artigo das “Paixões da Alma” nesta parte, mas podemos pensar especificamente em dois. No art.17, por exemplo, Descartes classifica nossos pensamentos em dois gêneros: ações da alma e paixões da alma. As primeiras, para Descartes, são as vontades provenientes exclusivamente da alma, enquanto as paixões seriam as percepções que a alma recebe de coisas representadas. E, no art. 27, apresenta claramente a definição de paixões da alma, que são caracterizadas “por percepções, ou sentimentos, ou emoções da alma, que referimos particularmente a ela, e que são causadas, mantidas e fortalecidas por algum movimento dos espíritos” (1979, p. 227). “Espíritos” aqui se referem a “espíritos animais”, que é como Descartes chama a transmissão de informações pelo sistema nervoso (ver art. 7).

Essas paixões, acredita Descartes, são provenientes da própria alma ou do corpo (art.19). As que são do corpo, ou são produzidas pelo curso fortuito dos espíritos ou dependem dos nervos (arts. 21 a 27). A partir dessas considerações, fica clara a contradição que se refere Amo. Se à alma compete exclusivamente a capacidade de pensar e se pensamentos são imateriais e de natureza distinta do corpo, como podem paixões provenientes de nervos e espíritos animais afetarem a alma ou espírito, que é imaterial e ativo (isto é, autônomo, independente, consciente...)?

Questão semelhante perturbou Elisabeth da Bohemia, que foi a responsável pelo questionamento sistemático a Descartes sobre como se promove a união da alma e corpo.

Suas inquietudes, que levaram a trocas de correspondência entre ambos por cerca de sete anos, fizeram com que Descartes redigisse as “Paixões da Alma”. A explicação de Descartes é a de que a alma se encontra misturada ao corpo físico ou, como ele já colocara nas “Sextas Meditações”, “não somente estou alojado em meu corpo, como um piloto em seu navio, mas que, além disso, lhe estou conjugado muito estreitamente de tal modo confundido e misturado que compõem com ele um único todo” (1979, p. 136). Para Elisabeth, ele chega a sugerir que a alma adota uma espécie de extensão ao unir-se ao corpo, embora ela seja de natureza diferente e não ocupe um espaço, tal como a matéria (1979, p. 303). Apesar disso, ele acrescenta, nos arts. 31 e 32 das “Paixões da Alma”, que há uma glândula no cérebro que seria a sede da alma, ou seja, o lugar aonde ela desempenha suas funções “mais particularmente do que em outros lugares”.

A explicação cartesiana evidentemente é bastante obscura e pouco convincente. Amo se beneficia da discussão gerada entre seus críticos e suas reflexões sobre o problema o levam à conclusão de que o espírito não poderia receber paixões ou ideias provenientes de coisas corporais e materiais. No parágrafo 2 do capítulo II de sua *Dissertatio* aqui referida, ele apresenta a ideia de que tudo o que diz respeito à circulação sanguínea (*circulatio sanguinis*), compete ao princípio vital (*principium vitae*) e, portanto, à faculdade sensível e ao corpo. Possivelmente a função desse *principium vitae* seja equivalente à que Descartes atribui aos “espíritos animais” (*spiritus animalis*, como aparece, por exemplo, nas “*Objectiones Quartae*”). Amo utiliza, a seu favor, citações bíblicas e de estudiosos de seu tempo para comprovar sua tese. Em Jó 12:10, por exemplo, ele mostra a distinção feita, no Livro Sagrado, entre *psiquê* (espírito ou alma) e *pneuma* (sopro vital); e, em outras passagens da Bíblia, que movimentos do sangue e do coração são responsáveis por manter a vida corporal (e não espiritual) em funcionamento.

Mas qual seria a explicação de Amo ao problema da relação mente e corpo, que Descartes deixara aberto a tantas críticas? A proposta de Amo, uma vez recusada a ideia de que o espírito possa receber impressões, sensações e paixões provenientes de órgãos corporais, é a de que a mente “entende” as sensações corporais. Pois, visto que o espírito opera a partir de intenções e, uma vez que é ativo e não passivo, ele tem o poder de compreensão das ações corporais. Neste livro Amo não desenvolve bem essa tese, mas já a anuncia, especialmente nas Explicações II, III e IV, do parágrafo I, capítulo I e parágrafo III do

mesmo capítulo. Ele afirma, entre outras coisas, que “o espírito opera a partir de intenções, isto é, a partir da precognição de algo que deve ser feito em vista a um fim pretendido pela ação” (2023, p. 26). Por isso, o espírito não poderia sofrer coação de nenhum tipo.

Outra inferência que podemos tirar disso, é que em Deus não poderia haver representações ou sensações de qualquer tipo, pois Ele conhece tudo atualmente, sem intervenção de coisas materiais e corporais. Do mesmo modo, se por “mente humana” (*mens humana*) entendemos uma substância ativa e imaterial, essa deve atuar sobre o corpo de modo intelectivamente (*intelligens*), sendo o corpo utilizado por ela em seu próprio interesse, como um “instrumento” de suas operações (2023, p. 28).

Amo apresenta uma melhor exposição de como a mente age, fazendo uso do corpo, em sua obra posterior, o *Tractatus*, como nos mostra Meyns em seu artigo sobre a filosofia da mente de Amo, especialmente na seção 5 (“how does cognition work, if the mind does not sense?”). Lá, Amo diz que a mente atende seus objetos por meio da “atenção”, isto é, obtém suas informações por meio dos processos resultantes dos estímulos sensórios. Meyns, porém, admite que a filosofia de Amo termina numa assimetria, pois o filósofo ganense estaria admitindo que existe uma interação mente/corpo, mas não entre corpo/mente (2009). Como Amo não nos fornece explicações mais detalhadas sobre isso, possíveis questionamentos sobre seu pensamento devem ser agora estudados e, na medida do possível, respondidos pelos seus leitores e comentadores.

4 Amo na modernidade

Apesar da proximidade dos estudos de Amo com a filosofia cartesiana, e suas preocupações com a natureza do espírito, dificilmente o rotularíamos como um cartesiano estrito. Meyns considera sua filosofia de certo modo eclética (2009), e apresenta relações de seu pensamento com o empirismo moderno.

Por um lado, Amo exclui qualquer forma de passividade da mente, como vimos, e isso o aproxima mais de Descartes do que de Locke, que recolhe evidências favoráveis à tese de que o entendimento recebe, de modo passivo, as ideias simples (conforme seu “Ensaio sobre o entendimento humano”, livro II, cap. II). Por outro lado, ainda segundo Meyns, Amo afirma repetidas vezes, no seu *Tractatus*, que as sensações são o fundamento da cognição, e até cita o famoso mote, atribuído aos aristotélicos, de que “nada está no intelecto que não tenha

estado antes nos sentidos". Além disso, ideias de "justiça", "substância", "espírito", entre outras coisas imperceptíveis, são adquiridas, segundo o Amo do *Tractatus*, por meio da reflexão, também num viés lockiano (explicação que ele pode ter encontrado no próprio Locke ou por meio de Leclerc, sua fonte direta, como nos lembra Meyns). Além de Locke, penso ser possível desenvolver um paralelo entre Amo e Berkeley, tanto com relação às suas noções de mente como substância ativa e imaterial, quanto no que diz respeito aos empirismos dos dois filósofos.

Gostaria de, por fim, lançar algumas observações sobre o pensamento segregacionista no ambiente filosófico no qual Amo estava inserido. A cada dia nos surpreendemos com a dimensão de ideias e expressões racistas presentes nos textos e obras dos arautos do iluminismo e da tolerância. Se tais horrores apareciam em livros, pensados em representar o pensamento humano em sua totalidade, e arquitetados a partir de longos e rigorosíssimos fundamentos e reflexões, como mensurar o que pessoas como Amo passavam o seu dia a dia? Além das contribuições para a padronização do conhecimento humano a partir de modelos eurocêntricos, empreendidas por Descartes, Leibniz, Wolff e tantos outros, há muitos pensadores que, de forma direta ou indireta, contribuíram para uma visão de ser humano classificado por raças, muitos dos quais contemporâneos de Amo.

Não é possível, evidentemente, nos alongar nesta exposição e discussão nesta ocasião, por isso me limitarei a lembrar que, entre alguns autores que escreveram e publicaram enquanto Amo era vivo e que semearam ideias e influenciaram toda a Europa, apresentam passagens que retratam claramente o clima de intolerância em que o filósofo africano estava inserido. Locke, por exemplo, em alguns de seus escritos e ensaios apresenta razões favoráveis à exclusão e escravidão de determinados grupos sociais, tais como os que são chamados por ele de "criminosos", "vadios", negros e indígenas. Em "As Constituições fundamentais da Carolina", art.101, em que Locke é coautor, por exemplo, permite-se a escravidão de negros por "homens livres".

David Hume, seguidor de Locke em seus ideais empiristas e que também escreveu na primeira metade do século XVIII, é hoje bastante lembrado por sua infeliz nota de rodapé K do seu ensaio "Dos caracteres nacionais", na qual diz "suspeitar" que negros e "outras espécies de homens" sejam naturalmente inferiores aos brancos. Isso claramente nos indica que Hume não soube levar seus próprios princípios empiristas até as últimas consequências,

e mostra o quanto lhe faltou conhecimento de tantas mentes brilhantes de negros levados para a Europa no seu tempo (na mesma nota, ele parece fazer referência a um deles, Francis Williams, um matemático jamaicano formado em Cambridge que escrevia poesia em inglês e latim; mas isso não foi suficiente para que ele se retratasse).

O comentário de Hume, mesmo estando numa nota de rodapé, entre tantas outras, de um ensaio aparentemente sem a mesma importância que os demais de sua autoria, provocou protestos de um de seus adversários, James Beattie, e elogios de um conterrâneo de Amo, Immanuel Kant, em seu “Sobre o belo e o sublime”. Em suma, embora muitos desses pensadores tenham sido antiescravagistas em suas abstrações filosóficas, percebe-se que não conseguiram libertar-se desses grilhões no desenvolvimento de suas ideias.

Há, como já mencionado, inúmeros outros filósofos, artistas, cientistas, poetas e escritores em geral do tempo de Amo que sustentavam hipóteses racistas, xenofóbicas, poligenistas e antissemitistas que, claramente, encontram-se em desacordo com os princípios de suas próprias filosofias ou conjunto de ideias. Amo, ainda que tenha se aproximado e discutido problemas epistemológicos e político-sociais bastante relevantes no seu tempo provenientes de autores iluministas, tais como Descartes, Locke, Leibniz, certamente se encontrou totalmente afastado de suas ideias no que diz respeito à igualdade universal entre todos os gêneros humanos, visto ter escrito sobre os direitos dos negros em Halle. Amo certamente não teria sido um iluminista parcial neste quesito.

Segundo Wiredu, Amo foi um “filósofo africano”, ainda que não tenha se dedicado propriamente ao estudo do pensamento africano (2004). Não podemos também deixar de reconhecer nesta ocasião o gigantesco empreendimento do filósofo africano ao desafiar um problema que o próprio Descartes já se mostrava cansado de responder, como ele parece admitir em carta a Elisabeth de 28.06.1643 (1979, p. 303). A tradução disponível para o português referenciada aqui, é uma ótima oportunidade para iniciantes na pesquisa filosófica, além de provocar estudiosos dos problemas da filosofia moderna com novos questionamentos. Por fim, nem precisamos mencionar a importância de um filósofo negro no estudo do pensamento moderno para nós brasileiros e brasileiras, que pertencemos a uma nação com profundas raízes africanas. Como diz D. Lewis, um estudioso negro estadunidense da obra de Amo, na entrevista acrescentada à tradução de Moreira, “com Amo, eu pude ter uma conversa verdadeira e ser visto como um igual” (2023).

Referências

ABRAHAM, William. “Anton Wilhelm Amo”. In: WIREDU (ed.). **A Companion to African Philosophy**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

AMO, Anton Wilhelm. **Sobre a Impassividade da Mente Humana**. Tradução de Fernando de Sá Moreira. Versão 30-mai-2023. Disponível em: <<http://amoafet.wordpress.com/apatheia-ebook>>. Acessado em: 30.05.2023

DESCARTES, René. **As Meditações; As Paixões da Alma; Cartas; O Discurso do Método**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Col. Os Pensadores).

MEYNS, Chris. Anton Wilhelm Amo's Philosophy of Mind, In: **Philosophy Compass**. Volume 14, Issue 3, March 2019. Disponível em: <https://compass.onlinelibrary.wiley.com/toc/17479991/2019/14/3>. Acessado em: 30.05.2023

MOREIRA, Fernando de Sá. **Amo Afer Online**. Disponível em: <https://amoafet.wordpress.com>. Acessado em: 30.05.2023

WIREDU, Kwasi. Amo's Critique of Descartes' Philosophy of Mind, In: WIREDU (ed.). **A Companion to African Philosophy**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

Recebido em: 11/06/2023.

Aprovado em: 09/09/2023.

Publicado em : 20/12/2023